

## A rede gramatical das construções com *se* no português brasileiro

Luisa Godoy<sup>1</sup>  
Diogo Pinheiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva desenvolver um estudo sobre o sincretismo do clítico *se* em português brasileiro, propondo uma categorização em tipos e uma representação gramatical do fenômeno. Elegemos a Gramática de Construções Baseada no Uso como aporte teórico e a concepção cognitiva da gramática como rede. Também, propomos que o sincretismo ocorre por polissemia, pois assumimos que as formas são motivadas funcionalmente. Um pequeno *corpus* de dados escritos de notícias foi montado, a partir do qual foram observadas seis categorias semânticas nos usos do *se*: recíproca, reflexiva, média dinâmica, média cognitiva, incoativa e impessoal. Essas categorias foram tratadas como construções de estrutura argumental, contendo sujeito, verbo e *se* em posição proclítica, e distribuídas em três grandes domínios abstratos: reflexivo-recíproco, médio e impessoal. Finalmente, elaboramos um desenho da rede de construções com *se*, representando parcialmente o conhecimento gramatical sobre o fenômeno, no qual a classificação proposta é acomodada na rede de links taxonômicos que organizam as construções em diferentes níveis de abstração.

**Palavras-chave:** Sincretismo do *se*; Gramática de Construções Baseada no Uso; Rede gramatical.

### Introdução

Este artigo reporta um estudo sobre um fenômeno do português brasileiro (PB) já bastante discutido e revisitado, mas ainda intrigante e, ao menos parcialmente, inconcluso – trata-se das múltiplas funções do clítico “reflexivo” *se*, fenômeno que já foi chamado de “sincretismo” (LAZZARINI-CYRINO, 2015) ou mesmo de “polissemia” (MALDONADO, 1999). Godoy (2009a), por exemplo, enumera sete tipos de funções para o clítico<sup>3</sup>, percebidos em um levantamento da bibliografia: função reflexiva, como em *João se ama*; função recíproca, como em *João e Maria se amam*; função que alguns autores chamam de “medial”, como em *O grego se traduz facilmente*; a chamada “passiva sintética”, como em *Vendem-se ovos*; a função impessoal, como em *Em BH se vê muitos fuscas*; a função conhecida por

<sup>1</sup> Professora Adjunta de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luisa.godoy@ufvjm.edu.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5370-136X>.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharel em Letras - Português/Latim pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: diogopinheiro@letras.ufrj.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>.

<sup>3</sup> Nunes (1995), por sua vez, lista nove tipos de *se*.

“incoativa” ou “ergativa”, como em *O galho se quebrou*; e a função que Câmara Jr. (1972) chama de “média dinâmica”, como em *João se levantou*.

Objetivamos avaliar o fenômeno do sincretismo do *se*, elegendo a concepção de linguagem da chamada Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; PINHEIRO; ALONSO, 2018) – ou GCBU – baseados, em especial, na ideia de que o conhecimento gramatical se organiza cognitivamente em rede. Conforme revisaremos na seção seguinte, apesar de existirem estudos construcionistas sobre o fenômeno, como o nosso, que também usam dados de *corpus*, que também consideram a existência de uma semântica “média” dentre as funções do *se* e até que mencionam a organização em rede dessas funções, este trabalho traz originalmente a explicitação de uma rede, na forma de um grafismo. Além disso, este estudo contém originalidade em outros dois pontos: i) na estratégia de busca dos dados, que pensamos ter extraído uma variedade expressiva de verbos, e ii) na proposta de classificação dos tipos de construções com *se*, compilando e organizando conceitos e descrições presentes em outros trabalhos.

Assim, esperamos contribuir para a compreensão da gramática do PB e para a perspectiva da GCBU, abordagem que nos parece ser capaz de dar conta da amplitude e complexidade do fenômeno. As seções do texto estão divididas da seguinte forma: na segunda seção, apresentamos o que a literatura tem dito acerca das diferentes funções do *se*; na terceira seção, expomos brevemente características da perspectiva teórico-metodológica que adotamos neste estudo; na quarta seção, reportamos os procedimentos metodológicos da busca de dados e descrevemos o pequeno *corpus* assim constituído; na quinta seção, descrevemos as categorias percebidas na análise dos dados (seis construções com *se*); na sexta seção, propomos o desenho da rede gramatical das construções com *se* no PB, após discorrer sobre alguns dos seus princípios e, na sétima seção, encerramos o texto, com as considerações finais.

### **As múltiplas personalidades do *se***

Na tradição gramatical, o fenômeno do clítico *se* é tratado por meio da categoria de “voz”, postura também adotada em gramáticas do PB assinadas por linguistas, como a de

Castilho (2014), que segue a divisão tradicional entre vozes verbais ativa, passiva e reflexiva. Observem-se abaixo exemplos do autor:

- (1) O moleque espetou o gato da vizinha.
- (2) O gato da vizinha foi espetado pelo moleque.
- (3) O menino se cortou.

Para Castilho (2014), e conforme a tradição, a voz verbal diz respeito à participação do argumento sujeito no “estado de coisas” descrito pelo verbo: quando o sujeito é agente, trata-se de voz ativa, como em (1); quando ele é paciente, de voz passiva, como em (2); e quando ele é ao mesmo tempo agente e paciente, trata-se de voz reflexiva, como em (3).

Essa é uma visão bastante simplificada sobre o fenômeno e, de certa forma, reducionista, pelo fato de, dentre outros motivos, considerar na classificação das vozes apenas dois papéis semânticos, o de agente e o de paciente, ignorando a ampla variedade de combinações entre verbo e sujeito nas diferentes construções sintáticas do PB. Mesmo dentro da assim chamada “voz reflexiva”, temos diferentes possibilidades de papéis semânticos, para além de agente e paciente<sup>4</sup>.

Recentemente, gramáticos e linguistas, como Camacho (2003) e Lima (2021), têm reconhecido uma outra categoria no português, a assim chamada “voz média”. Retomando uma noção tradicional dos estudos sobre línguas clássicas, Camacho (2003, p. 92) conceitua a voz média como “uma categoria flexional que, do ponto de vista formal, constituía [...] um conjunto paradigmático de sufixos verbais com uma função semântica bem delineada: expressar eventos em que a ação ou o estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses”. Apesar de o conceito figurar em descrições gramaticais bastante antigas, a novidade da argumentação de Camacho é a sua defesa de que a categoria morfossemântica de voz média também existe no português atual. Para o autor, a voz média também se expressa por meio do *se*, mas, apesar das semelhanças com a semântica reflexiva, não pertence à voz “reflexivo-recíproca”. Eis alguns exemplos de verbos na voz média, segundo o autor:

---

<sup>4</sup> Além disso, observamos um problema com a noção de “voz”, se definida pela função do argumento sujeito: no caso da assim chamada voz reflexiva, se o *se* é entendido como um pronome anafórico, ele é um argumento sentencial, devendo, portanto, ter uma função. Em concordância com Nunes (1995), dentre outros, não é o argumento sujeito que teria ambos os papéis de agente e paciente, os quais se distribuiriam entre sujeito e pronome *se*.

- (4) Ela se vestiu.
- (5) Ela se deitou.
- (6) Ela se foi.
- (7) Ela se irritou.
- (8) Ela se queixou.
- (9) Ela se lembrou.<sup>5</sup>

Câmara Jr. (1972), na sua descrição pioneira sobre as estruturas do português, já apresentara o conceito de voz média, contudo, parece ter havido uma quebra na continuidade dessas ideias, que foram retomadas de forma mais consistente e recorrente apenas décadas depois, por autores como Camacho (2003), como mostramos acima. Em resumo, a proposta de Câmara Jr. era a de que as funções reflexiva e recíproca fazem parte de uma ampla “voz média” do português, que abarca, além da “média reflexiva” e da “média recíproca”, uma terceira classe, a chamada “média dinâmica”. Trata-se de casos como os exemplos em (4) e (5) acima, nos quais o sujeito é agente e tema, mas cuja ação “não sai do âmbito do participante” (nas palavras do autor).

A diferença entre as reflexivas propriamente ditas, como (3), e os casos como os que Câmara Jr. (1972) chama de média dinâmica, como (4) e (5), foram exploradas por Godoy (2012) em sua abordagem formalista da reflexivização no PB. Para a autora, tanto a média dinâmica quanto a reflexiva têm dois papéis na eventualidade, os quais são desempenhados por um mesmo participante. Contudo, a média dinâmica denota uma eventualidade na qual esse participante age e se move (daí a ideia de dinamicidade) *ao mesmo tempo*, diferentemente das “reflexivas *strictu senso*”, nas quais há duas eventualidades *separadas no tempo*, ainda que realizadas por um mesmo participante. Amaral (2015) parte dessa análise, mas exclui a diferença temporal entre reflexivas e médias, definindo a média apenas pela presença do traço de movimento.

Kemmer (1993), em seu pioneiro e amplo estudo tipológico sobre a voz média, caracteriza algo em torno de uma dezena de situações que, nas mais diversas línguas, são assinaladas linguisticamente com algum tipo de “marca média”<sup>6</sup>. A autora também diferencia a voz média das situações reflexivas propriamente ditas, observando que, em muitas línguas,

<sup>5</sup> O autor não delimita semanticamente de maneira muito nítida a diferença entre a voz média e a reflexiva.

<sup>6</sup> Para Kemmer (1993), uma marca média é um item morfológico (afixo, clítico ou palavra) presente nas categorias semânticas de voz média (por exemplo, em verbos que descrevem cuidados corporais, movimento, mudança de estado espontânea, dentre outros), em diferentes línguas.

as marcações de cada categoria são diferentes. É o caso do inglês, que tem uma marca de reflexividade explícita e uma marca nula de medialidade:

(10) She cut herself.

(11) She laid down.

O pronome reflexivo *herself* não poderia servir para marcar uma situação em que a pessoa simplesmente se deita, como em (11). Para Kemmer (1993), assim como para Câmara Jr. (1972), a sentença em (11) descreve uma situação média, distinta da reflexiva, embora similar. Outras línguas, como o russo, têm marcas diferentes para a reflexiva e a média, contudo, são marcas relacionadas etimologicamente:

(12) On uotmil sebja

**ele exauriu marca reflexiva**

*‘Ele exauriu a si mesmo’*

(13) On uotmil-sja

**ele exauriu-marca média**

*‘Ele exauriu-se/ ficou exaurido’*

Tanto o inglês quanto o russo seriam as chamadas “línguas de duas formas” na classificação de Kemmer (1993) sobre a tipologia dos sistemas de voz média. Já o português seria, para a autora, uma língua de uma forma – o *se* marca tanto reflexivas quanto médias.

Ainda conforme Kemmer (1993), a distinção entre a semântica reflexiva e a semântica média se dá no que ela chama de “grau de distinguibilidade dos participantes”<sup>7</sup>, maior na reflexiva e menor na média. Esse é um parâmetro de distinção parecido com o de Câmara Jr. (1972, p. 183), quando afirma que a média é uma situação na qual a ação “não sai do âmbito do participante”. São essas definições intuitivas, porém imprecisas, que motivam as formalizações de Godoy (2012) para a distinção entre as duas leituras. Contudo, apesar de as fórmulas lógicas explicitarem de modo mais preciso a semântica de algumas situações reflexivas e médias, ainda ficam outras por serem descritas, como as reflexivas e médias cognitivas, em *eu me amo* e *eu me lembro*, por exemplo. Além disso, o fenômeno parece ter um caráter gradiente e difuso, como mostraremos adiante, o que não cabe nas análises formais.

<sup>7</sup> Tradução nossa.

Recentemente, alguns autores têm mostrado que o *se* marcador de média em PB sofre variação com uma forma nula (como em *Ela se levantou / Ela levantou*). Silva e Afonso (2021), partindo do pioneiro estudo de Nunes (1995), mostram que a presença de *se* nulo é bastante expressiva nas construções médias, ocorrendo menos nas construções reflexivas. Assim, levando em conta essa variação linguística, de um ponto de vista gramatical, o português brasileiro se assemelharia ao inglês no que diz respeito à diferença reflexiva/ média marcada pela presença ou ausência do pronome. Camacho (2003), de fato, prevê que o PB pode se tornar uma língua de duas formas, se o *se* médio desaparecer.

Entretanto, como demonstram Silva e Afonso (2021), há diferença semântica entre as variantes com e sem o *se*, ou seja, a marca *se* em construções médias tem uma função linguística. Talvez a tendência que se observa seja mesmo à da variação entre formas com e sem o *se*, devido a fatores semântico-pragmáticos, e não ao desaparecimento do *se* médio. Neste trabalho, não lidamos com a queda ou ausência do *se*, tratando apenas de dados com *se* explícito.

O trabalho de Maldonado (1999) caracteriza semântico-cognitivamente uma pletora de funções do *se*, em uma língua em que o clítico parece ser ainda mais produtivo que no português – o espanhol. Seu trabalho, como o de Kemmer (1993), também nos serve de inspiração para a caracterização das diversas situações semânticas marcadas com *se* no PB<sup>8</sup>.

## **Escolhas e recortes**

A sucinta digressão pela literatura na seção anterior teve por intuito mostrar há que muitos nomes e muitos conceitos envolvidos nos estudos sobre o sincretismo do *se*, pois se trata de um fenômeno não somente muito amplo e produtivo, mas também gramaticalmente complexo, perpassando vários níveis do conhecimento linguístico – morfossintático, lexical e

---

<sup>8</sup> Há ainda trabalhos que tratam de outro universo das personalidades do *se*: as funções passiva e impessoal, exemplificadas anteriormente por *Vendem-se ovos* e *Em BH se vê muitos fuscas*, respectivamente. Uma das discussões acerca desse tema é se de fato existe na variante brasileira do português a construção tradicionalmente chamada de “passiva sintética”. Bagno (2011), por exemplo, é categórico ao afirmar que existe apenas o *se* impessoal no PB. Neste trabalho, apesar de termos encontrado exemplos de construções com *se* cujo sentido podemos relacionar à ideia de impessoal ou passiva, não aprofundamos o estudo do polo semântico dessas construções. Remetemos o leitor interessado aos trabalhos de Bagno (2011), Camacho (2000) e Lazzarini-Cyrino (2013).

semântico-pragmático<sup>9</sup>. Neste trabalho, devemos fazer escolhas metodológicas e teóricas, a fim de oferecer uma visão minimamente coerente do fenômeno do ponto de vista gramatical, a partir de um estudo empírico com dados reais.

Uma dessas escolhas, por exemplo, é a de não usar o conceito de “voz”, mas apenas o de “construções” (conforme também SILVA; AFONSO, 2021), pois assumimos que as construções são as unidades mínimas (e máximas) da gramática de uma língua (GOLDBERG, 1995, 2006). Partimos do conceito básico de construção como sendo um par de forma e sentido, o qual pode ter como dimensão desde um morfema a um texto, em se tratando da forma, e inclui informações semânticas tanto do significado literal e lógico quanto do significado contextual, pragmático (GOLDBERG, 1995).

Também, vamos pressupor que o sincretismo ocorre devido à polissemia do *se*, ou melhor, polissemia das “construções com *se*”, uma vez que adotamos o “Princípio da Motivação Maximizada” (GOLDBERG, 1995, 2006), segundo o qual duas construções que compartilham formas semelhantes também compartilham significados semelhantes.

Assumimos que as construções com *se* tratadas aqui têm uma natureza de “construções de estrutura argumental” (GOLDBERG, 1995, 2006), havendo, assim, uma diferença entre os papéis participantes do verbo e os papéis dos argumentos da construção. A integração dos papéis do verbo aos da construção é feita segundo o chamado “Princípio da Coerência” (GOLDBERG, 1995), que estabelece que deve haver uma compatibilidade semântica entre eles. É possível que a construção de estrutura argumental contenha um número diferente de argumentos (*slots*) em relação aos argumentos do verbo, para mais ou para menos. Nesses casos, também atuaria o “Princípio da Coerência”, integrando os argumentos compatíveis da grade verbal e da construção de estrutura argumental, e deixando ocultos ou em uma posição diferente os argumentos que sobrem da compatibilização. Em nossa proposta, de fato, como se verá adiante, ocorre de alguns verbos trazerem argumentos que não são representados na construção de estrutura argumental (pois os entendemos como argumentos do verbo e não da construção).

Ainda, assumimos a concepção do conhecimento gramatical em rede, que se opõe diametralmente à da gramática arquitetada por um léxico mais regras de composição

---

<sup>9</sup> E até mesmo fonético-fonológico, dada a natureza fonológica do conceito de clítico. Além disso, suspeitamos de uma possível variação de peso prosódico do *se* nas diferentes construções em que ocorre, que não podemos explorar aqui, já que usamos dados escritos.



(BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019). Com isso, atende-se ao chamado “compromisso cognitivista” para o estudo da linguagem (FERRARI, 2011; PINHEIRO; ALONSO, 2018), segundo o qual os princípios de organização linguística são os mesmo princípios do funcionamento cognitivo. Em outras palavras, na abordagem cognitivista da linguagem, não há um subsistema autônomo e especializado para a língua em nossa mente, mas princípios cognitivos gerais que, dentre outras funções, produz linguagem. Assim, estudar a língua é também estudar a cognição geral, uma vez que se trata de uma de suas manifestações. O princípio de organização em rede de funções como a memória, o conhecimento e a categorização, estudado e demonstrado por disciplinas como a psicologia, a neurociência, a economia, a ecologia e a sociologia, também se aplica ao conhecimento linguístico, que podemos chamar de gramática (DIESSEL, 2019). A ideia da gramática em rede será retomada e detalhada na seção em que apresentamos o grafismo proposto para a rede de construções com *se*.

Essa maneira de conceber a linguagem, além de não modularizar as faculdades cognitivas, tampouco separa os componentes da própria gramática. Léxico e sintaxe são entendidos como pertencendo a um mesmo contínuo dentro da ideia das construções (SALOMÃO, 2002). Por isso, representamos nosso objeto de estudo como “construções com *se*”, ou seja, pares de forma e sentido de dimensão sintática, compostas de outros elementos além do próprio clítico, que formam, porém, uma unidade simbólica.

Na perspectiva construcional baseada no uso (GCBU), a rede gramatical é dinâmica, estruturando-se e reestruturando-se a partir das experiências individuais e coletivas com a língua, tal qual as redes neurais que armazenam a memória (DIESSEL, 2019). Trata-se, portanto, de um sistema fluido e mutável, que permite gradiência nas categorizações e redundância nas representações, que relaciona em múltiplas dimensões o enorme conjunto de construções de uma língua (o chamado *constructicon*), mas que não por isso é desorganizado.

É importante, por fim, frisar que as representações propostas neste trabalho, sejam as categorias de construções, seja a própria rede gramatical, são reduções esquemáticas do conhecimento real que os falantes do PB têm acerca de sua gramática. Nunca é demais lembrar que a ciência é sempre uma proposta simplificada de explicitação dos fenômenos do mundo (cognitivos, físicos ou outros), cuja complexidade é imensurável e, em última instância, inalcançável em sua totalidade.



## Um estudo empírico sobre construções com *se* no PB escrito

Para a observação dos tipos de ocorrência das construções com *se* no PB, realizamos uma coleta de dados em textos de notícias (aba “News” do site Google) em um só dia (23 de junho de 2022). A escolha pela busca em notícias ocorreu por serem as notícias redigidas em uma linguagem ao mesmo tempo padrão e cotidiana. Sabe-se que em muitos contextos e gêneros textuais no PB, principalmente orais e dialetais, ocorre o apagamento ou queda do *se*, o que não avaliamos neste trabalho. Assim, supôs-se que as notícias conteriam exemplos escritos de verbos com *se* e que na reportagem de diferentes fatos e acontecimentos os verbos seriam suficientemente diversos a ponto de constituírem um *corpus* que pudesse fornecer uma classificação em diferentes tipos semânticos de situações.

A fim de expandir a variedade dos dados, realizamos a busca por construções incluindo os pronomes reflexivos de primeira pessoa *me* e *nos*, além do *se* de terceira pessoa. Para contornar a ambiguidade dos pronomes de primeira pessoa, a busca foi feita pela combinação de pronome reto mais clítico *se*. Explicitamente, buscamos as seguintes combinações: “eu me”, “você se”, “ela se”, “ele se”, “nós nos”, “vocês se”, “elas se” e “eles se”<sup>10</sup>, garantindo em quase todas as ocorrências coletadas uma construção contendo pronome reto na função de sujeito + pronome reflexivo + verbo principal. Também, buscamos por combinações com os pronomes indefinidos *isso*, *isto* e *aquilo*: “isso se”, “isto se” e “aquilo se”, de modo a observar ocorrências com referentes abstratos ou inanimados.

Essa estratégia de busca promoveu uma otimização na relação entre a quantidade de dados e a quantidade de ocorrências do fenômeno focalizado. Como dissemos, quase cem por cento das notícias coletadas em nossa busca continham uma sentença com uma construção composta de sujeito + *se* + verbo; ou seja, foi uma estratégia eficaz<sup>11</sup>.

Não buscamos ocorrências com o pronome em posição enclítica, o que complicaria um pouco a busca, pois teríamos de incluir nela o verbo ou o espaço para ele. Valemo-nos do

<sup>10</sup> A combinação “a gente se” não foi procurada, o que poderia render mais e mais diversos dados. Tampouco foram procuradas as combinações com desvios da norma padrão, como “eu se” e “nós se”. Esses poderiam ocorrer, ainda que em menor quantidade no gênero notícias.

<sup>11</sup> Referimo-nos de maneira genérica ao fenômeno como “construções com *se*”, ainda que nossos dados contenham também os pronomes *me* e *nos*. Assumimos que *me* e *nos*, em nossos dados, por serem anafóricos, podem ser referidos usando a abstração do clítico *se*, uma vez que *se*, dentre os demais é o único clítico que serve apenas à anaforidade e correferencialidade. Em outras palavras, quando usamos a terminologia “construções com *se*” estamos generalizando todas as construções com pronomes com função anafórica.

fato de que a próclise é sabidamente uma característica marcante do português brasileiro (CASTILHO, 2014), usando esse conhecimento a nosso favor na estratégia de busca em notícias do Brasil. Também, buscamos apenas construções com pronomes em posição de sujeito, e não com outros tipos de NPs (ou seja, temos apenas dados como *ele se feriu*, mas nenhum dado como *o jogador se feriu*). Essas ressalvas em relação ao pequeno *corpus* montado para nosso estudo empírico são limitações decorrentes dos recortes metodológicos necessários em uma pesquisa.<sup>12</sup>

As buscas, afinal, resultaram em milhões de ocorrências: mais de 5 milhões para “ele se”, mais de um milhão para “ela se” e “você se”, centenas de milhares para “eu me”, “eles se” e “isso se”, e dezenas de milhares para “nós nos”, “vocês se”, “isto/aquilo se” e “elas se”. Dessas milhões de ocorrências, geramos *prints* de 280 notícias<sup>13</sup>, com uma proporção de mais *prints* para notícias com os pronomes de maior ocorrência.

Das 280 notícias *printadas*, coletamos 237 construções com *se*<sup>14</sup>, nas quais contabilizamos 128 formas verbais diferentes e 135 verbos com acepções diferentes (ou seja, dos 128 verbos, 7 são polissêmicos, ocorrendo em mais de uma construção/ sentido<sup>15</sup>). Os 135 verbos (em suas acepções e construções) foram, então, analisados semanticamente e agrupados em seis categorias de sentido, delineadas a partir tanto da observação empírica quanto do estudo da literatura sobre o *se*. As categorias semânticas das ocorrências foram inicialmente encaradas como “leituras” ou “interpretações” das construções de sujeito + *se* + verbo, as quais serviram para em seguida estipularmos diferentes construções ou subconstruções<sup>16</sup> que comporão a rede gramatical. As seis leituras ou tipos de interpretação

<sup>12</sup> Conforme sugestão do parecerista anônimo, é importante deixarmos claro desde aqui que essas limitações metodológicas reafirmam o caráter de hipótese de nossa proposta das construções com *se* enquanto uma abstração generalizante de estrutura argumental do PB. Ou seja, por não ser possível lidar com todas as configurações de nome mais clítico, fazemos um esboço de proposta de como abstratamente estaria representada a construção em uma rede gramatical.

<sup>13</sup> Sempre a partir da primeira página gerada na busca de cada pronome.

<sup>14</sup> Ocorreram muitas notícias idênticas, replicadas por diferentes sites de notícia. Por isso, apesar do sucesso da busca (que encontrou construções com *se* em quase em todas as notícias), tivemos de descartar muitos dados repetidos, não aproveitando todos os 280 *prints*.

<sup>15</sup> Do total de 128 formas verbais encontradas nas 237 ocorrências da macroconstrução com *se*, 78 verbos aparecem apenas uma vez nos dados e 50 verbos ocorrem mais de uma vez. Dentre os que repetem, todos ocorrem de 2 a 5 vezes, com exceção dos verbos *sentir* e *tornar*, que ocorrem 23 e 17 vezes, respectivamente. Observações sobre frequência serão feitas em trabalhos futuros.

<sup>16</sup> O termo “subconstrução” está sendo usado em consonância com Goldberg (2006), como um rótulo genérico aplicável a qualquer construção subordinada a outra. O termo não tem equivalência com as terminologias “esquema/subesquema”, “micro/mesoconstrução”, ainda que se possa afirmar que toda microconstrução ou subesquema é também uma subconstrução (pois está subordinada a uma construção mais abstrata).

que categorizamos são: recíproca, reflexiva, média dinâmica, média cognitiva, média incoativa e impessoal. Na seção seguinte, trataremos de cada uma individualmente.

### Seis tipos de construções com *se*

Conforme dissemos, as seis categorias semânticas delineadas no estudo empírico das notícias serviram para postularmos a existência de padrões construcionais mais abstratos. Partimos da premissa de que as abstrações e generalizações fazem parte de nossa cognição. Assim, ainda que nossa proposta contenha imprecisões e omissões, trata-se de uma tentativa de representar como organizamos o conhecimento gramatical compartilhado coletivamente acerca do fenômeno das construções com *se*.

As construções que descrevemos aqui são polissêmicas, ou seja, compartilham uma mesma forma sintática aparentemente, por isso as distinções serão de caráter semântico<sup>17</sup>.

### Construção reflexiva

A primeira categoria semântica observada nos dados é a da reflexiva propriamente dita. Eis alguns exemplos do *corpus* que montamos:

- (14) Assim que eu **me aceitei**, senti uma necessidade de contar ao mundo o tamanho do meu orgulho
- (15) Eu (**me**) **cuido**: Educação desenvolve projeto para promoção
- (16) Se vocês **se julgam** tão santos, vocês estão fazendo o que Deus quer mesmo?
- (17) Recebo umas 50 mensagens por dia de pessoas pedindo para eu **me matar**
- (18) ...desde a fundação das novas formas de convivência à forma como nós **nos percebemos e nos reconhecemos** enquanto indivíduos

<sup>17</sup> Vale observar que representamos o clítico em posição proclítica por motivos de recorte metodológico. Não é possível dizer, pelo próprio princípio da não-sinonímia, se a posição pro ou enclítica é indiferente para a caracterização do polo sintático das construções. Por esse mesmo princípio, ao contrário, é legítimo supor que que a posição do clítico teria algum impacto semântico-pragmático em construções com o mesmo verbo. Ainda, conforme nos informa um parecerista anônimo, alguns estudos que analisam a posição variável dos clíticos afirmam que *se* é um dos pronomes mais utilizados em ênclise no PB. Ou seja, uma abordagem construcional sobre tal variação, partindo da não-sinonímia, parece ser bastante pertinente.

Tradicionalmente, a reflexiva é percebida por meio de uma possível paráfrase com as expressões *si mesmo(a)*, *si próprio(a)*, *ele(a) mesmo(a)* e outras (GODOY, 2012). Aqui, devido ao nosso posicionamento teórico, temos de encarar tais expressões como construções com significado reflexivo. Assim, apenas testamos se os verbos em nossos dados compõem com tais construções outras sentenças cujo significado é similarmente reflexivo. Podemos encarar esses “testes” como possíveis inferências depreendidas dos dados. As inferências serão ferramentas para auxiliar a percepção do polo semântico das construções.

Usaremos perguntas para extrair as inferências de ordem semântico-pragmática em nossos dados. Assim, se *Eu me aceitei*, é possível perguntar: *Eu aceitei a mim mesma?*; e se *Nós nos reconhecemos enquanto indivíduos*, é possível perguntar: *Nós reconhecemos a nós mesmos enquanto indivíduos?* – em ambos os casos, com respostas positivas. Veremos que nos dados de construções médias as inferências com as expressões reflexivas não são pertinentes.

Na construção reflexiva, além disso, temos sempre dois papéis desempenhados por um mesmo referente (ainda que esse referente seja um grupo): um agente e um paciente, como em (15) e (17), ou um experienciador e um tema, como em (14), (16) e (18). São sempre participantes animados e volitivos, seja a eventualidade uma ação (como em (15) e (17)) ou um processo/ acontecimento psíquico (como em (14), (16) e (18)).

Na semântica reflexiva, as duas funções estão separadamente atribuídas a um participante ou referente, mesmo nas eventualidades psíquicas. Nas eventualidades acionais, como em (17), essa separação se dá no tempo (GODOY, 2012), ou seja, o tempo da eventualidade iniciadora do agente (o desencadeamento de *matar*) é anterior ao tempo da eventualidade de afetação (o resultado da ação de *matar*). Nas eventualidades psíquicas, como em (14), a separação parece se dar na relação entre mente (a função de experienciador) e corpo ou o todo pessoal (a função de tema). Quando *eu me aceito*, há uma mente que aceita (experienciador) e um ser total que é aceito (tema), ambos referentes a uma mesma pessoa, *eu*.

Conforme Hopper e Thompson (1980), em sua notória proposta de compreensão da transitividade enquanto categoria escalar, a presença do agente, da animacidade e a própria distinguibilidade dos participantes são características que compõem a transitividade. Apesar de a eventualidade referir-se a apenas um participante, que é um fator para a intransitividade,

vamos considerar a construção reflexiva como transitiva, encarando o *se* como um argumento, correferente ao argumento em posição de sujeito<sup>18</sup>.

Observamos que, em nosso estudo, tratamos da transitividade enquanto composicionalidade da combinação sujeito, verbo e clítico *se*, ignorando outros argumentos e complementos presentes nos dados (como o sintagma adjetival *tão santos*, que complementa o verbo *julgar*, no exemplo (16)). Vamos considerar que a reflexiva, enquanto construção de estrutura argumental, tem dois argumentos (N e *se*). As demais construções com *se* em nossa proposta têm apenas um argumento (N), sendo o *se* uma marca morfossemântica sem status argumental. Os outros argumentos que aparecem em posição pós-verbal em nossos dados serão considerados funções participantes do verbo (e não da construção). Sabemos, porém, que uma análise mais detida da transitividade geral em nossos dados pode revelar informações e generalizações interessantes e importantes. Sugerimos tal investigação para estudos futuros.

Escolhemos marcar em nossa representação da construção reflexiva a correferência dos argumentos sujeito e *se*. A macroconstrução reflexiva, mais abstrata, está representada em (19), e as construções reflexivas acionais (contendo agente e paciente), como em *Eu me cuido*, e cognitivas (contendo experienciador e tema) como em *Eu me aceitei*, estão representadas respectivamente em (20) e (21):

(19) [N<sub>i</sub> se<sub>i</sub> V]

(20) [N<sub>agente</sub> se<sub>paciente</sub> V]

(21) [N<sub>experienciador</sub> se<sub>tema</sub> V]

Em nossas abstrações construcionais, por motivo de economia de espaço para o desenho da rede gramatical, representamos os componentes morfossintáticos (polo formal das construções) com fonte de tamanho normal e os traços de sentido (polo semântico das construções) subscritos. Na rede construcional, como veremos na seção 6, as construções (20) e (21) são alocadas como instâncias da construção (19), que está representada em um nível acima, ou seja, de maior abstração.

<sup>18</sup> Consulte-se Godoy (2012) e Amaral (2015) para uma compilação de evidências formais que evidenciam que a reflexiva, em contraste com a média, é transitiva.

## Construção recíproca

Esse tipo de interpretação ocorre em nossos dados com pronomes plurais (*nós*, *vocês*, *eles* e *elas*). Eis alguns exemplos abaixo:

- (22) Brenda pede desculpa para Karol e elas **se abraçam**
- (23) ...afinal se o evento contemplava o amor, e se nós **nos amamos**, muito natural que comemorássemos o que é concreto e real
- (24) E eles **se chamam** de irmãos
- (25) Eles **se conheceram** no trabalho
- (26) Cara, por favor, sempre pensei que vocês **se parecem**
- (27) Essa ainda não é a hora de desistir da relação, então busque meios que evitem que o pior aconteça e vocês **se separem**

A pergunta extratora de inferência para esses casos inclui a expressão ou construção recíproca *um(a)(s) ...o(a)(s) outro(a)(s)*. Por exemplo, perguntamos acerca da sentença em (22): *Brenda e Karol se abraçaram uma à outra?* Sendo a resposta positiva, podemos considerar que está em jogo uma interpretação recíproca para essa construção com *se*.

Existem nos dados de nosso *corpus* predicados que a princípio parecem ser recíprocos, mas são na verdade eventualidades coletivas que ocorrem com sujeitos plurais (não necessariamente recíprocos). Um exemplo é com o verbo *reunir*:

- (28) Eles **se reuniram** no hotel Grand Bittar em Brasília

Veja-se que a pergunta extratora de inferência de reciprocidade não parece adequada a esse dado: *Eles se reuniram um com o outro no hotel?* O dado em (28) foi analisado como uma instância da construção média dinâmica, de que tratamos na próxima subseção.

Algumas sentenças recíprocas são ambíguas com uma possível interpretação reflexiva, se fora de contexto. Por exemplo, em (23), é possível também entender que cada pessoa ama a si mesma, e a decisão sobre a sentença ter uma leitura recíproca em vez de reflexiva está no contexto da notícia, que fala de um casamento.

Assim como a reflexiva, a natureza da interpretação recíproca é lógica, e não temática (GODOY, 2009b). Ou seja, não se pode definir a construção recíproca por meio do conteúdo das funções semânticas dos participantes na eventualidade. Observe-se que há eventualidades

recíprocas dinâmicas (*abraçar*), psicológicas (*amar*) e estativas (*parecer*) nos exemplos acima.

A reciprocidade (e a reflexividade) tem a ver não com os papéis em si, com seu conteúdo semântico, mas com a distribuição desses papéis entre os participantes/ referentes. Enquanto a reflexiva ocorre de forma a apontar dois papéis distintos para um mesmo participante (ainda que seja plural), a recíproca acontece quando esses dois papéis são atribuídos aos dois participantes plurais de maneira cruzada e distribuída. Propomos a seguinte representação para a construção recíproca:

$$(29) [N_{\text{plural}_i} \text{ se } V]_{\text{recíproca}}$$

Em nosso desenho da rede gramatical, a construção recíproca ficará ao lado das reflexivas com agente e experienciador e abaixo da macroconstrução reflexiva com argumentos correferenciais (representada em (19)), por considerarmos que a interpretação recíproca é um das possibilidades da correferência (quando o argumento é plural). Chamaremos todo o domínio dessas construções lógicas de domínio “reflexivo-recíproco”.

### Construção média dinâmica

Inspirados em Câmara Jr. (1972), Kemmer (1993), Camacho (2003), Godoy (2012), Cançado, Godoy e Amaral (2013) e Silva e Afonso (2021), propomos a construção que chamamos de “média dinâmica” (termo cunhado primeiramente por Câmara Jr.). Eis alguns exemplos dessa construção em nossos dados:

- (30) Saiba como o horário em que você **se alimenta** pode influenciar sua saúde
- (31) Elas **se aproximaram** da vítima
- (32) Ela **se casou** no civil, mas nunca beijou o marido
- (33) Ele me convidou para o quarto de visitas e pediu que eu **me deitasse** na cama
- (34) **Ele se omitir** é tradicional
- (35) Assim que eles se sentirem confortáveis, vão **se pronunciar** publicamente



Trata-se de uma construção que descreve situações agentivas, mas não reflexivas propriamente, pois há apenas um papel ou função do participante denotado pelo sujeito nas eventualidades (ainda que o verbo possa contribuir com outros participantes e funções, elas não são expressas pelo *se*, mas por outros elementos sentenciais).

Para Godoy (2012), a média dinâmica é a situação na qual há um movimento sendo iniciado por um “motor interno” ao agente (a autora se inspira em Vendler (1984) para a ideia do motor dos movimentos). O referente na média dinâmica tem ambas as funções de agente e afetado (pelo movimento), contudo, esses traços temáticos ocorrem simultaneamente no participante, e essa é a diferença fundamental em relação à reflexiva. A autora mostra como evidência dessa diferença a ambiguidade presente em sentenças como:

(36) João se jogou na piscina.

A sentença acima teria uma leitura reflexiva e uma leitura média dinâmica. Na reflexiva, o agente do movimento acionaria um motor externo a ele, e o afetado seria um papel separado temporalmente. A autora explicita um contexto no qual essa leitura seria possível: por exemplo, se houvesse uma catapulta, acionada pelo participante, mas também ocupada por ele, que o arremessasse na piscina. Em uma situação inusitada como essa, a leitura da sentença acima seria de reflexividade, na qual agente e paciente estão separados no tempo; como se trata de movimento, podemos dizer que há um motor externo ao movimento do participante, e que esse motor externo foi acionado pelo próprio participante.

A leitura mais natural da sentença acima, contudo, é a leitura em que João simplesmente pula na piscina, sendo, portanto, ele mesmo o motor (interno) do movimento, concomitante à sua própria afetação. Essa é a leitura média dinâmica, conforme Godoy (2012), que, como dissemos, procura explicitar e formalizar as caracterizações mais intuitivas de Câmara Jr. (1972) e Kemmer (1993). Para Câmara Jr., a média dinâmica é aquela situação que não sai do âmbito do participante, e para Kemmer, a diferença entre a reflexiva e a média é o grau de distinguibilidade entre os participantes. Ambas as ideias podem ser traduzidas na distinção entre o motor interno e externo nas leituras média dinâmica e reflexiva para sentenças ambíguas como (36).

Ainda segundo Godoy (2012), quase toda sentença composta com o clítico *se* e um verbo de movimento apresenta ambiguidade entre as leituras reflexiva e média, mesmo que a

média seja preferível ou mais natural na maioria dos casos. Amaral (2015) é ainda mais categórica, afirmando que todo verbo de movimento com *se* proverá uma leitura média (dinâmica).

Além do movimento, “translacional” como *jogar* (que implica uma trajetória) e “não translacional” como *virar* (sem trajetória), Kemmer (1993) mostra que há outras situações normalmente analisadas como reflexivas em línguas de uma forma que são, na verdade, marcadas diferentemente (com uma marca média) em línguas de duas formas: situações de cuidados corporais, como *maquiar*, e de mudança de postura, como *deitar*.

Mas nossos dados trouxeram ainda mais situações, além de movimento, posturas e cuidados corporais, que também poderiam ser caracterizadas como “médias dinâmicas”, uma vez que expressam agentividade e movimento ou atividade (mesmo abstratos), em um só tempo, por um só participante. São os casos em (30), (32), (34) e (35), nos dados acima, com os verbos *alimentar*, que denota uma atividade, *casar*, um tipo de movimento abstrato agentivo, com uma mudança de postura/ status, e *omitir* e *pronunciar*, que denotam ações de fala ou expressão, com atividade ou movimento abstrato.

Vale observar que os dados de média dinâmica, ainda que confundíveis com as reflexivas, em geral não depreendem inferências adequadas com as expressões *si mesma/ ela mesma/ ela própria*. Veja como as perguntas extratoras de inferências geram estranheza:

- (37) Saiba como o horário em que você se alimenta pode influenciar sua saúde → Pergunta: *Você alimenta a si mesma?*
- (38) Elas se aproximaram da vítima → Pergunta: *Elas aproximaram elas mesmas da vítima?*
- (39) Ela se casou no civil, mas nunca beijou o marido → Pergunta: *Ela casou a si própria no civil?*
- (40) Assim que eles se sentirem confortáveis, vão se pronunciar publicamente → Pergunta: *Eles vão pronunciar a eles mesmos publicamente?*

A representação, enfim, que propomos para a construção média dinâmica é a seguinte:

- (41) [N<sub>agente/deslocado/afetado</sub> se V<sub>dinâmico</sub>]

Observe-se que, nessa representação, as funções temáticas de agente, deslocado e afetado estão todas associadas ao N em posição de sujeito, sendo que o *se* não recebe um

papel. O clítico *se* não tem nessa construção um status argumental, sendo mais opaco, por não ter um referente, ainda que tenha valor semântico-pragmático e seja anafórico com o N sujeito<sup>19</sup>. De fato, Silva e Afonso (2021) mostram que a semântica média dinâmica tem uma probabilidade muito maior de apresentar a variante sem o *se* que a reflexiva.

De modo geral, vamos chamar de “médias” todas as três construções com um sujeito afetado, absorvendo a ideia original da categoria semântica de voz média vinda de estudos sobre o grego (LYONS, 1969), mas adaptando-a ao conceito de construção de estrutura argumental (de dimensão mais ampla que a morfologia de voz).

### Construção média cognitiva

Outra categoria abstrata proposta a partir da observação de diferentes tipos de verbos em nossos dados, e também inspirada nas situações “médias” de Kemmer (1993) e Maldonado (1999), dentre outros, é a que chamaremos de “construção média cognitiva”. Abaixo, mostramos exemplos dessa construção em nosso *corpus*:

- (42) ...e depois eles tiveram uma discussão e saíram de casa para eles **se acalmarem**
- (43) Os gráficos simplistas de Bad North também oferecem muito espaço para você **se concentrar** na mecânica da batalha
- (44) Você **se decepcionou** com o nível técnico da Eurocopa?
- (45) Vocês **se esqueceram** do país em que vocês vivem?
- (46) Eu **me inspirei** nessa história
- (47) E eles **se sentem** seguros aqui

Essa construção é composta por um sujeito com função na eventualidade e pelo clítico *se* anafórico, mas não referencial/ argumental. A função do sujeito aqui é a de um experienciador que também é afetado pela eventualidade. A construção ocorre com verbos psicológicos, perceptuais e de emoção (as eventualidades ocorridas em um espaço mental foram reunidas sob o termo “cognitivas”). Para ser um experienciador, o argumento tem de ser animado (na maioria dos casos, humano), contudo, não se trata de um agente, como na média dinâmica. A representação que propomos para essa construção, enfim, é:

<sup>19</sup> Vamos seguir Nunes (1993) e Camacho (2003), encarando o clítico *se* como anafórico, mas não referencial, nos casos de média. Para Camacho, é justamente essa a diferença entre o *se* médio e o reflexivo.

(48) [N<sub>expericiador/afetado</sub> se V<sub>cognitivo</sub>]**Construção média incoativa**

Absorvemos de diversos trabalhos na literatura a ideia de uma interpretação “incoativa”, “anticausativa”, “resultativa” ou “ergativa”, dentre outras denominações, para uma composição sintático-semântica com verbos que exprimem mudança e afetação (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005; CIRÍACO, 2007; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013; CIRÍACO, 2017, dentre muitos outros). Arrolamos abaixo exemplos dessa construção em nosso *corpus*:

- (49) Ele **se acidentou** com um prego
- (50) Teve uma vez que fomos convocados juntos para a seleção brasileira, ele **se machucou** e não se apresentou
- (51) Nilza viu o filho andar, filha **se salvar** de acidente e venceu
- (52) Mel diz que o público ainda está entendendo que ela **se tornou** adulta
- (53) ...esse disco poderia falar do tempo, da impermanência das coisas, e de como elas **se transformam** e a gente **se transforma** junto

Nessas ocorrências, há apenas o participante afetado da eventualidade dinâmica, ocupando a posição de sujeito. O agente da afetação ou mudança não está expresso. Trata-se do “puro” papel de paciente, sem volição, controle e em alguns casos até mesmo animacidade (no exemplo em (53), o sujeito *elas*, da primeira ocorrência do verbo *transformar*, refere-se a *coisas*). Essa construção estaria, portanto, em uma escala ainda mais baixa de transitividade, se comparada com a construção anterior, cujo sujeito é experienciador (portanto, animado e volitivo).

Algumas de nossas ocorrências poderiam receber o tratamento tradicional da chamada “alternância causativo-incoativa” (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013), daí também a ideia do nome “anticausativa” usado por Silva e Afonso (2021) para essa construção<sup>20</sup>. Porém, aqui não cabe a ideia de alternância lexical, já que adotamos a perspectiva não derivacional da

<sup>20</sup> Enquanto Silva e Afonso adotam o termo “anticausativa”, Ciríaco (2017) retoma o termo “ergativa”, no lugar de “incoativa”, usado em outros trabalhos. A nomenclatura para essa construção é bastante divergente. Adotamos aqui o termo que nos parece mais comum – “incoativa”.

Gramática de Construções. Ciríaco (2017) e Silva e Afonso (2021), de fato, consideram esse um fenômeno construcional.

Godoy (2012) explora a nítida ambiguidade que pode ocorrer entre a construção incoativa e a reflexiva, a fim de distingui-las semanticamente:

(54) Ele se machucou (de propósito / no acidente).

Em uma sentença como (54) acima, podemos entender que *ele* é agente e paciente da ação de machucar (ou, melhor dizendo, que *ele* é agente, *se* é paciente e ambos têm um mesmo referente), ou que *ele* é apenas paciente (e *se* não tem valor temático/ argumental). Trata-se das leituras reflexiva e incoativa, respectivamente, cuja ambiguidade revela o próprio sincretismo ou polissemia da construção abstrata [N se V].

Como a construção incoativa, assim como as duas anteriores, tem um sujeito afetado, será considerada como uma das três subconstruções médias. A construção média incoativa, afinal, será representada como:

(55) [N<sub>afetado</sub> se V<sub>mudança</sub>]

### Construção impessoal

Nessa última categoria, o N em posição de sujeito não é agente ou experienciador, tampouco afetado, conforme observamos nos exemplos abaixo, de nosso *corpus*:

- (56) Isso **se deve** à maneira que elas pensam e executam
- (57) Todas parecem muito mais felizes do que ela **se encontra**
- (58) Isto **se explica** pelo fato de o projeto ter sido apresentado em 2020
- (59) Isto **se reflete** também na relação com países como Cuba, Nicarágua e Venezuela
- (60) ...principalmente se isso **se traduz** em uma consequência negativa no seu trabalho

A função do N sujeito, nos casos acima, parece ser a de um objeto estativo ou referencial sobre o qual se fala. A pergunta extratora de inferência proposta aqui revela que se

trata de uma interpretação diferente das categorias amplas de reflexividade e medialidade, uma vez que o participante sujeito não age, experimenta, sofre ou é afetado pela eventualidade. A pergunta é: *Quem faz?* – e no lugar do verbo *fazer* inserimos o verbo usado no dado a ser analisado. Por exemplo, para o exemplo (58), a pergunta seria: *Quem explica?* É o interlocutor, ou uma mente abstrata que explica o que ocorre com o participante denotado pelo sujeito. De outra forma, tais eventualidades não se passam com o participante sujeito; como já dissemos, ele não tem papel na eventualidade.

Trata-se, portanto, nesse tipo de construção com *se*, de uma semântica diferente das construções vistas anteriormente e semelhante aos casos chamados pela tradição gramatical de “passiva sintética”, o que outros autores chamam de “impessoal”<sup>21</sup> (CAMACHO, 2000). De fato, não há pessoalidade nos sujeitos dessas ocorrências (a grande maioria dos casos de impessoal nos nossos dados ocorreu nas buscas com os pronomes indefinidos – e inanimados – *isso, isto e aquilo*). A “pessoa” nessas eventualidades é quem elabora a descrição denotada pelo verbo, como *explicar* e *traduzir*.

São eventualidades que descrevem estados de coisas conforme a percepção do interlocutor ou de alguma outra mente (individual ou coletiva) que, contudo, não está explícita na construção, daí, a pertinência do rótulo “impessoal”. Vamos representar esse tipo de construção e alocá-la na rede gramatical, mas não poderemos aprofundar o seu estudo neste trabalho. É possível que haja subtipos ou especificações e detalhamentos a serem explorados, como questões envolvendo o aspecto verbal, por exemplo, que deixaremos para futuros estudos. A representação proposta para a construção impessoal é:

$$(61) [N_{\text{objeto estativo}} \text{ se } V_{\text{descriptivo}}]_{\text{impessoal}}$$

### Notas sobre a classificação das construções com *se*

Percebe-se, na classificação proposta, três grandes tipos de construções com *se*, o que chamaremos de “domínios<sup>22</sup>”: i) domínio das construções reflexivas e recíprocas; ii) domínio

<sup>21</sup> Vide nota 2 sobre o tratamento na literatura para esse tipo de ocorrência do *se*.

<sup>22</sup> Usamos aqui o termo “domínio” para caracterizar uma região na rede de construções aparentadas semanticamente.

das construções médias (dinâmica, cognitiva e incoativa) e iii) domínio das construções impessoais.

Em cada domínio, as características semânticas que identificam o grupo de construções são de naturezas diferentes. No domínio reflexivo-recíproco, temos como traço semântico característico a correferencialidade, que implica nas lógicas especiais de distribuição dos papéis entre os participantes/referentes. Já a característica semântica que determina o domínio médio é o conteúdo dos papéis dos participantes em cada subconstrução (observando ali uma escala decrescente de agentividade, da construção dinâmica à incoativa, passando pela cognitiva), com a recorrência do traço de afetação do sujeito, nos três casos. Por fim, o domínio impessoal é caracterizado pela impessoalidade e por outros traços semânticos, além da lógica das referências e das grades temáticas, talvez a aspectualidade (que deixamos para investigações futuras).

### **Representação da rede de construções com *se* no PB**

Após essa proposta de classificação das construções com *se* no PB atual, desenvolvida a partir de um estudo empírico em notícias escritas, elaboramos o desenho de uma rede gramatical que pretende representar parcialmente o conhecimento linguístico que o falante tem do fenômeno. Elegemos, para isso, o paradigma da gramática arquitetada em rede (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2016), em especial o modelo de Diessel (2019), que explora e explicita os variados tipos de relação (conexão, elo ou *link*) possíveis entre os nós (construções) nessa rede.

Diessel (2019), em seu modelo de rede gramatical, propõe seis tipos de *links* entre os nós da rede gramatical; são eles: *link* simbólico, sequencial, taxonômico, lexical, construcional e do tipo “filler-slot”. Para a representação da rede gramatical das construções com *se* no PB, trabalharemos apenas com os *links* taxonômicos e construcionais.

Convencionalmente, esses tipos de *links* são representados, especialmente, por meio de relações verticais e horizontais. De um lado, as relações na dimensão horizontal ligam tipos diferentes de construções ou subconstruções em um mesmo nível de abstração; de outro, os *links* verticais relacionam construções em diferentes níveis de abstração. É na dimensão

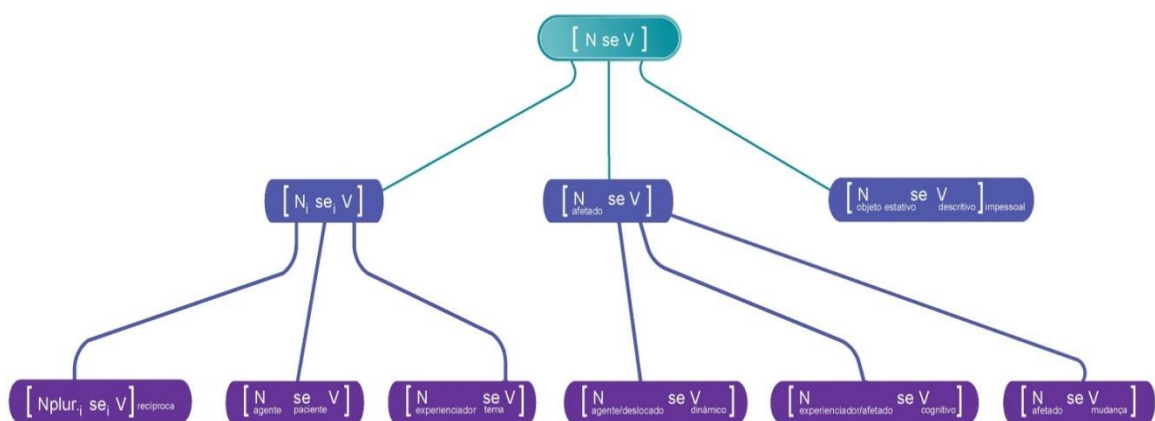


vertical que as construções são divididas ou reunidas em tipos e subtipos conforme o grau de abstração.

Com relação à dimensão horizontal, vale dizer que a nossa representação da rede, bidimensional e, portanto, simplificada e achatada, pretende também dispor as construções em uma ordem tal que represente um contínuo de composicionalidade (relacionado à transitividade). Estamos enfocando, nesse contínuo, a relação entre verbo e clítico *se*, sendo as construções mais à esquerda compreendidas como mais composicionais que aquelas à direita no desenho da rede. Por questões de espaço e foco, não pudemos explorar nesse artigo os diferentes graus de composicionalidade/ transitividade das construções, o que será feito futuramente. Ainda assim, a ideia dessa disposição gráfica no nível horizontal é o de representar o princípio da gradiência na gramática, que se opõe ao da discretude das categorias nas abordagens formalistas (FERRARI, 2011; GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2016; PINHEIRO; ALONSO, 2018). Com relação à dimensão vertical, observamos que um mesmo item, parte de uma construção ou mesmo toda uma construção podem ser representados em múltiplos níveis de abstração. Essa repetição no desenho da rede representa outro princípio da abordagem da GCBU, que é o da redundância.

Tendo delineado os princípios gerais que incorporamos na representação da gramática em rede das construções com *se*, passemos ao seu desenho propriamente. As construções estudadas em nossa amostra de língua escrita, categorizadas segundos os critérios semânticos expostos na seção anterior e representadas também naquela seção, dispõem-se da seguinte forma em um modelo bidimensional de representação gramatical:

(62)



No nível superior, temos uma macroconstrução abstrata, contendo os espaços (*slots*) para um sujeito, o *se* e um verbo qualquer, e esvaziada de especificações semânticas, exceto a informação de que N e *se* referem-se a um só participante. Essa informação construcional está intrínseca na presença do clítico *se*, cujo sentido é sempre o de retomada anafórica em relação a outro argumento.

A macroconstrução divide-se em um segundo nível que contém mais conteúdos semânticos, mas que ainda é bastante abstrato. Ali encontram-se três construções abstratas que representam os três domínios do *se* em PB: reflexivo-recíproco, médio e impessoal. A construção abstrata reflexivo-recíproca, nesse segundo nível, indica que *se* e N são correferenciais, ou seja, que *se* é argumental e tem um papel diferente do papel do N sujeito, ainda que ambos refiram-se a um mesmo participante. A correferencialidade é representada com o *i* subscrito. A construção abstrata média, por sua vez, não marca correferencialidade, uma vez que o *se* não é argumental e, portanto, não carrega uma função no evento. Aqui, porém, há uma representação de um traço de sentido no argumento sujeito da construção, qual seja, a afetação do N, comum às três subconstruções médias (representadas no nível inferior). A construção impessoal, por fim, nesse segundo nível de abstração, foi representada com um N sujeito com o traço de ser um objeto estativo, um V contendo a especificação de descrever um estado de coisas e com a marca de impessoalidade na construção como um todo. Como já dissemos, não exploramos de modo aprofundado neste trabalho nem o polo semântico das impessoais, nem os possíveis subtipos dessa construção.

No terceiro e último nível do desenho proposto, estão construções ainda menos abstratas, polissêmicas, que compartilham os traços de cada domínio. No domínio das reflexivas e recíprocas, temos: i) a construção recíproca, com N plural, *se* correferente e um V inespecífico, marcada, como um todo, com o traço da reciprocidade, o qual incidirá na distribuição dos papéis entre os participantes denotados pelo N plural; ii) a construção reflexiva com sujeito agente, *se* paciente e verbo dinâmico (podemos chamá-la de reflexiva dinâmica); e iii) a construção com sujeito experienciador, *se* tema e verbo cognitivo (podemos chamá-la de reflexiva cognitiva). Nas três, N e *se* são correferenciais (traço herdado da construção mais abstrata no segundo nível) e, por isso, compartilham traços do referente, como animacidade, volição e outros traços específicos dos argumentos dos verbos que instanciam cada construção.

No domínio das médias, temos: i) a construção de N agentivo e deslocado (os N nesse domínio são sempre afetados), *se* (sem papel temático) e verbo dinâmico; ii) a construção de N experienciador (e também afetado), *se* (sem papel temático) e verbo cognitivo e iii) a construção de N sem outro traço além da afetação, *se* (sem papel temático) e V de mudança.

Esperamos, com o desenho da rede, ter elucidado os links entre as construções com *se*, que explicam a ampla polissemia encontrada neste momento sincrônico do PB. Contudo, esses links certamente não surgem na língua de uma só vez, tendo sido construídos a partir do uso e por meio dos processos cognitivos de categorização e representação, ao longo do tempo (BYBEE, 2016). Sabe-se, por exemplo, que a função reflexiva do clítico *se* antecede diacronicamente a sua função como marca média (KEMMER, 1993; CUNHA, 2010). Ou seja, podemos entender a relação horizontal entre as construções como um caminho diacrônico (do domínio reflexivo-recíproco para o médio e o impessoal). Deixaremos uma investigação mais aprofundada acerca de como esse caminho histórico se deu para estudos posteriores.

### Considerações finais

O presente trabalho teve dois objetivos: i) propor uma categorização para as construções com *se* no português brasileiro, a partir da observação de um pequeno *corpus* de língua escrita composto com essa finalidade, e ii) esboçar, em forma de um grafismo, a rede gramatical dessas construções. Limitados pelo tipo de dados coletados e portanto alcançando apenas algumas categorias no referido *corpus*, entendemos que o esboço de rede desenhado funciona como um modelo hipotético que sugere a maneira com que o fenômeno deve estar representado em nosso conhecimento gramatical sobre o PB.

Ambas as propostas visam corroborar uma visão funcionalista da linguagem (segundo a qual o significado motiva a forma), que trata o fenômeno do sincretismo do *se* enquanto polissemia, e o compromisso cognitivo para o tratamento da linguagem, enquanto um dos diversos produtos da cognição humana. Também, esperamos ter reforçado que o estudo da linguagem pretende ser um estudo da própria cognição, uma vez que os processos são os mesmos; aqui falamos especificamente da concepção do conhecimento em rede. A Gramática de Construções Baseada no Uso é uma teoria gramatical que se adequa a esses propósitos e ao

fenômeno das construções com *se*, por seu caráter complexo, produtivo, multidimensional e gradiente.

As lacunas principais deste trabalho podem ser entendidas como direções para pesquisas futuras. Arrolamos algumas dessas lacunas mais importantes (e promissoras): i) uma análise mais detida sobre a transitividade dos verbos nas diversas construções com *se* (por exemplo, os verbos que instanciam a construção média dinâmica selecionam frequentemente argumentos locativos), de modo a tecer uma proposta mais explícita da incorporação verbo-construção nos diferentes domínios; ii) uma investigação específica sobre a construção impessoal, principalmente quanto a seu polo semântico; iii) uma observação da frequência de *token* e *type* dos tipos de verbos e construções, de modo a perceber o seu papel na arquitetura dessa rede gramatical; iv) uma verificação dos estágios diacrônicos das construções com *se*, de modo a corroborar a proposta da rede gramatical nesta sincronia; e v) uma coleta de dados de fala das construções com *se*, a fim de perseguir a hipótese de uma diferenciação prosódica entre as construções ou domínios.

## Referências

- AMARAL, L. L. *A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro: fenômenos semânticos*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAMACHO, R. G. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. *ALFA: Revista de Linguística*, Assis, v. 44, p. 215-233, 2000.
- CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria de voz média no português. *DELTA*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003.
- CÂMARA JR., J. M. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de Verbos do Português Brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. v. I: verbos de mudança.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CIRÍACO, L. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CIRÍACO, L. A família de construções ergativas no português. *PERcursos Linguísticos*, [s. l.], v. 7, n. 14, p. 421-435, 2017.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DIESSEL, H. *The grammar network – How linguistic structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GODOY, L. O status argumental do clítico reflexivo *se* em português. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009a, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: Idéia, 2009a. p. 2607-2613.

GODOY, L. Os verbos recíprocos no PB e a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe. *ALFA: Revista de Linguística*, Assis, v. 53, n. 1, p. 283-299, 2009b.

GODOY, L. *Reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, Baltimore, v. 56, p. 251-299, 1980.

KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1993.

LAZZARINI-CYRINO, J. P. *O sincretismo passivo-reflexivo: um estudo translinguístico*. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LAZZARINI-CYRINO, J. P. Um caminho de análise para construções passivas sintéticas. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 47, p. 85-104, 2013.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Argument realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LIMA, M. C. Tipologia de construções mediais em português: uma proposta cognitivo-funcional. *Revista Soletras*, São Gonçalo, n. 4, p. 43-66, 2021.

LYONS, J. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

MALDONADO, R. *A media voz – problemas conceptuales del clítico se*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1999.

NUNES, J. Ainda o famigerado SE. *DELTA*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 201-240, 1995.

PINHEIRO, D.; ALONSO, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 6-29, 2018.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 63-74, 2002.

SILVA, A. S.; AFONSO, S. Construções reflexiva, recíproca e média de clítico nulo no português brasileiro: reconceptualização de eventos e emergência de uma nova construção. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Porto, v. 1, p. 151-186, 2021.

VENDLER, Z. *The matter of mind*. Oxford: Clarendon Press, 1984.

## The gramatical network of *se*-constructions in Brazilian Portuguese

**Abstract:** This article aims at developing a study on the syncretism observed with the clitic *se* in Brazilian Portuguese, in order to propose a categorization and a grammatical representation of the phenomenon. We choose the usage-based approach of Construction Grammar and the cognitive conception of grammar as a network, for our theoretical basis. Plus, we propose that the syncretism occurs due to polissemia, since we assume that forms are functionally motivated. A small *corpus* of written data was built, and we could distinguish six semantic categories in the multiple uses of *se*: reciprocal, reflexive, dynamic middle, cognitive middle, inchoative and impersonal. These categories were treated as argument structure constructions, containing subject, verb and *se* in a proclitic position. They were distributed in three great abstract fields: reflexive-reciprocal, middle and impersonal. Finally, we elaborated a graphism for the network of *se*-constructions, representing the grammatical knowledge of this phenomenon. The classification proposed is accommodated in the network of taxonomic links that organize the constructions among different levels of abstraction.

**Keywords:** Syncretism of *se*; Usage-Based Construction Grammar; Grammatical network.

**Recebido em:** 15 de fevereiro de 2023.

**Aceito em:** 31 de março de 2023.